

Graduação e continuidade na arte.

Tanto como cultura, quanto filosofia de disciplina e objetividade do mundo contemporâneo, o espírito marcial e das artes de combate sobrevive até hoje. Tradição, cultura, esporte. Adeptos em diversas modalidades e de forma comum com a curiosidade de alcançar a mitológica faixa preta,

Uma reflexão sobre o pós, graduação e a continuidade na pratica por alunos juvenis. Sou faixa preta, e agora?

Uma jornada árdua e nada simples de se completar. Ser graduado faixa preta em uma modalidade de luta ou arte marcial é uma conquista muitas vezes comparável a conclusão de um curso universitário. Porém, diria que na verdade esta conquista deveria ser comparada a aprovação no vestibular para o curso pretendido a ser cursado. Seria uma comparação mais adequada, uma vez que todo processo vivido e o caminho percorrido até aqui é a base para dar sequência a esta jornada. Não diferente de um aluno que cursa o ensino médio regular com foco no vestibular para uma determinada instituição acadêmica e curso, uma vez aprovado conclui a primeira etapa do processo, porém não está plenamente apto a dar continuidade, pesando neste individuo as dificuldades dos primeiros obstáculos, os novos desafios, as cobranças e exigências desta nova fase. Fui aprovado e agora? Sou faixa preta, e agora?

Na atualidade é cada vez maior o interesse de atletas, técnicos, aficcionados e estudiosos pelos aspectos psicológicos de lutadores. Proporcional a este entusiasmo é o empenho de cientistas para tentar detectar quais são as características psicológicas mais relevantes nesse grupo de indivíduos. (PAIVA, Leandro: Olhar clínico nas lutas, artes marciais e modalidades de combate. – 1. Ed. – Manaus: OMP EDITORA, 2015).

Ao longo do tempo percebemos uma janela etária (dos 06 aos 16 anos) na pratica de modalidades como karate, judo e capoeira por exemplo. As aulas são procuradas pelos pais que matriculam seus filhos na busca por maior disciplina ou para gastar energia, no geral ocupar o tempo da criança. Com passar do tempo, o aluno(a) se adapta e se adequa a modalidade, se familiariza com professor e com sua equipe de treinamento. Evoluem, se tornam parte da equipe competitiva, conquistam resultados e ao longo de uma década trilham um caminho repleto de realizações. São consistentes, o que antes era apenas para gastar energia, agora é cronograma da semana. Aluno(a) dedicado, disciplinado, aguerrido, referência para aos que vem chegando. Porém nessa trajetória esquecemos de ter a certeza que os novos ideais e objetivos deste praticante ainda estão alinhados com dos pais ou responsáveis. Uma análise se faz importante, cultura regional e tradição familiar. Sobre isso Hobsbawm (1997a) afirma que:

É natural que qualquer prática social que tenha de ser muito repetida tenda, por conveniência e para maior eficiência, a gerar certo número de convenções e rotinas, formalizadas de direito e de fato, com o fim de facilitar a transmissão do costume (p.11).

Chegou à faixa preta? Bom agora encerrou. Acabou. Vamos pensar nos estudos, trabalhar e projetar o futuro. *Deixar essas coisas de lutas pra depois*. Costume, tradição e determinação familiar por conceito empírico. O adolescente fica atrelado as orientações familiares e na maioria das vezes o professor não consegue espaço para mudar ou mesmo colaborar para adequações. Situações e circunstâncias sociais também são determinantes, nas quais esse adolescente precise trabalhar para auxiliar nas custas familiares, cuidado com irmãos mais novos, avós necessitados, as condições são realmente muito complexas e variáveis. Um olhar mais clínico e uma atenção mais direcionada podem mudar parte deste cenário, os familiares presentes na caminhada do aluno(a), durante todo seu desenvolvimento e evolução. Acompanhem cada dificuldade, estejam presentes nas aulas, eventos, campeonatos. Compreender a filosofia marcial a cerca da modalidade praticada e do professor que o direciona. Estreitar o vínculo com colegas de equipe, aprender sobre a modalidade, conceitos, direitos e deveres de todos os envolvidos. Se tornar um faixa preta requer muita dedicação e doação. Muito investimento de tempo e dinheiro, passar muito mais tempo no tatame do que em casa. Não é uma tarefa fácil nem tão pouco uma jornada linear sem obstáculos. Por isso precisa ser um trabalho em equipe, força conjunta entre praticante, professor, familiares e equipe. Sou faixa preta, e agora? Quero voltar o quanto antes para o tatame, treinar com minha equipe, aperfeiçoar, auxiliar os mais novos focar em novos desafios. Esse seria o esperado, mas acontece em menor proporção, onde a realidade se mistura em descoberta de novos relacionamentos afetivos, cultura familiar como já mencionada ou mesmo pelo próprio praticante imaginar que já tenha fechado o ciclo. Preparação, dedicação e maturidade, são fatores importantes para estar preparado em assumir os compromissos e aos novos desafios que este título traz. Sou faixa preta, e agora? Um novo caminho se inicia, seja de continuidade ou a conclusão de um ciclo que lhe direciona a uma nova caminhada na qual os preceitos constituídos ao longo da prática com a filosofia marcial nortearão este faixa preta, como cidadão distinto, ávido, prestativo, colaborativo e comprometido em sua sociedade. Tradições e culturas podem ser transformadas, “[...] *inventam-se novas tradições quando ocorrem transformações suficientemente amplas e rápidas tanto do lado da demanda quanto da oferta*” (HOBBSAWM, 1997a, p.12).

Um faixa preta, traz uma nova visão de vivência, transforma, contribui, constrói para o benefício comum. A *marcialidade* para contemporaneidade, uma filosofia de vida que beneficia o indivíduo e todos que estão ao seu entorno. Agora é um faixa preta, um cidadão preparado para os desafios da sociedade, muito além do tatame e dos pódios dos campeonatos, um verdadeiro guerreiro e campeão na vida.